

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

NUNES, Vanderlino . Vanderlino Nunes (depoimento, 1977). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 7min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA (ABI) e CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Vanderlino Nunes
(depoimento, 1977)**

Rio de Janeiro

2018

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Não há informação;

Técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes;

Data: 09/04/1977 a 09/04/1977

Duração: 1h 7min

Arquivo digital - áudio: 3; Fita cassete: 4; Fita rolo: 1;

Esta entrevista é parte integrante de uma série de depoimentos realizados pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI) entre 1977/1979 e doadas ao CPDOC em 15/08/1996.

Temas: Artes gráficas; Associação Brasileira de Imprensa; Congressos e conferências; Correio da Manhã; Diário de Notícias; História da imprensa; Imprensa; Jornal do Brasil; Jornalismo; Oswaldo Aranha; Política; Rádio Nacional; Sindicalismo;

Sumário

Entrevista: 09/04/1977

Fita 1-A: dados pessoais; relato do início de sua carreira jornalística na Folha do Povo, em Recife; comentários sobre sua ida para o Rio de Janeiro (1937), onde trabalhou no Diário da Noite, no Diário de Notícias e em vários outros jornais e cessões de publicidade de companhias e agências de notícias; considerações acerca de dois jornais que concorriam com o Diário de Notícias: Correio da Manhã e Jornal do Brasil; observações a respeito da reformulação da paginação do Diário de Notícias e sua perda de mercado para o Jornal do Brasil; relato dos principais atrativos do Diário de Notícias: o noticiário militar, o noticiário escolar e alguns colunistas independentes; comentários acerca das conseqüências trazidas pelas reformas empreendidas pelo Jornal do Brasil para o Diário de Notícias; considerações acerca do declínio do Diário de Notícias após a morte de Orlando Dantas; comentários sobre a primeira página do Diário de Notícias e as técnicas utilizadas para a construção dos textos contidos no jornal; lembranças de alguns nomes que fizeram parte da equipe do Diário de Notícias; observações a respeito de algumas posições políticas adotadas pelo Diário de Notícias; comentários sobre a vinculação do Diário de Notícias com a esquerda democrática (1945).

Fita 1-B: relato de alguns assuntos, fórmulas e nomes considerados tabus pelo Diário de Notícias; comentários sobre a cobertura jornalística da Conferência dos Chanceleres do Continente Americano (1942): o chanceler brasileiro Osvaldo Aranha convidou todos os repórteres que participaram da cobertura, para se iniciarem na carreira diplomática; lembranças do período em que trabalhou no Diário da Noite (1936-1945); enumeração das agências de notícias em que trabalhou; considerações sobre o jornalista Mauro de Almeida; comentários sobre os jornais Meio-Dia e A Tarde; considerações sobre Vitorino de Oliveira; relato de seu trabalho na Rádio Nacional; observações acerca da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e do Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro. Fita 2-A: considerações sobre a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e o Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro.

Entrevista: 09/04/1977

Entrevistador 1 – Começa de novo.

V.N. – Vanderlei Nunes, nascido a 24 de julho de 1911, na cidade de Flores, sertão de Pernambuco. Primeiro fui telegrafista e depois, por volta de 1931 ou 1932, vim para Recife e comecei a trabalhar em jornal. Trabalhei na *Folha do Povo*, com Rubem Braga e Paulo Mota Lima, até 1936, mais ou menos. Nessa época, eu vim para o Rio. Aqui, em começos de 1937, fui para o *Diário da Noite* e, logo em seguida, para o *Diário de Notícias*, em questão de semanas, porque os salários eram baixos e, então, nós tínhamos que trabalhar em vários lugares. No *Diário de Notícias*, me fixei, até a minha aposentadoria, 30 anos depois. Mas, paralelamente, eu ia trabalhando em várias outras coisas ligadas à comunicação: em jornais, em agências de notícia, em seções de publicidade de companhias – trabalhei na Panair durante nove anos –, e assim por diante.

Quando o *Jornal do Brasil* começou a fazer a sua reforma, o velho Orlando Dantas já tinha falecido, era o João Dantas quem dirigia o *Diário de Notícias* na época, e a repercussão, eu acho que não foi muito grande nessa ocasião, não é, Ivan? A repercussão não foi lá essas coisas, não. Porque o João Dantas estava convencido que ele era o maior diretor de jornal que já havia aparecido e achava que o *Diário de Notícias* era um jornal imbatível – embora, já naquela época, desse algum sinal de fraqueza. Mas, de qualquer maneira, o *Diário de Notícias* vinha tomando alguma medida e alguma providência, para não ficar abaixo dos outros.

Eu me lembro, na ocasião, o único jornal que o *Diário de Notícias* temia mesmo, não só pela circulação como pelo volume de publicidade, era o *Correio da Manhã*. O resto, ele não ligava. Olhava-se, no dia seguinte, só o *Correio da Manhã*, depois se olhava os outros. Depois passou a olhar também para o *Jornal do Brasil*. O *Jornal do Brasil* passou a fazer alguma diferença: ele já não era somente o jornal das empregadas domésticas; era um jornal que tinha também repercussão. E o João Dantas achou que devia melhorar, reformular a

paginação, botar diagramadores. Deu-se até ao luxo de importar diagramadores argentinos, que era o que estava muito em voga na época, e veio um dos mais famosos...

Entrevistador 1 – O Guevara?

V.N. – Orinaldo Carrena, que terminou adido cultural na embaixada da Argentina aqui. O jornal, de fato, melhorou. Melhorou. Mas não sei se a má administração... Não sei se a má administração teve alguma coisa com isso, mas o fato é que o *Jornal do Brasil* foi conquistando posições e chegou a **confrontá-lo**.

Entrevistador 1 – Vanderlino, eu gostaria de saber quais eram, na época, os principais elementos de sustentação do prestígio do *Diário de Notícias*, quer dizer, no sentido... na faixa de venda, de comunicação com o público, se era o noticiário do Exército, por exemplo, que era um caso único na imprensa brasileira, porque esse noticiário era dado totalmente, ou se eram alguns colunistas, e peço que você mencione esses colunistas.

V.N. – O forte do *Diário de Notícias* era o noticiário militar, especialmente do Exército; depois, o noticiário escolar. Ninguém dava informações escolares como o *Diário de Notícias*. E havia os colunistas, muito independentes. Não me lembro se nessa época ainda vivia o Rafael Correia de Oliveira. Acho que... O Rafael Correia de Oliveira era um colunista muito independente. Foi um sujeito formidável. Tinha...

Entrevistador 2 – Joel Silveira?

V.N. – Tinha o Joel Silveira...

Entrevistador 1 – Rubem Braga?

V.N. – Rubem Braga era também, a Eneida...

Entrevistador 2 – O Tristão de Athayde fazia [inaudível]?

V.N. – Não, já não fazia.

Entrevistador 1 – Raul Pilla?

V.N. – Raul Pilla. Não, nessa época, Raul Pilla já não estava mais, não. A seção dele se chamava “Microscópio”. Ele já não estava, na ocasião. O *Suplemento Literário* ainda era dirigido pelo Raul Lima e...

Entrevistador 1 – E o Osório Borba?

V.N. – O Osório, eu acho que faleceu antes do Getúlio, não é?

Entrevistador 1 – Não, não. O Osório morreu em 1960. Ele trabalhava [**inaudível**].

V.N. – Ah! Bom, o Osório. O Osório assinava uma crônica muito lida, muito independente. E tinha também outros colunistas menores. E o João conseguiu também que escrevesse no *Diário de Notícias* esse senhor que escreve n’*O Globo* hoje, na segunda página. Como é o nome dele?

Entrevistador 2 – Gustavo Corção.

V.N. – É, dr. Gustavo Corção. Ele escrevia no *Diário de Notícias*.

Entrevistador 2 – Vanderlino, apenas por uma questão de historiografia, o Gustavo Corção já então tinha a brilhante posição político-clerical que tem hoje?

V.N. – A mesma coisa. A mesmíssima coisa. Por isso o João Dantas fazia questão de mantê-lo.

Entrevistador 1 – Mas essa técnica... Você disse que o *Jornal do Brasil*, apesar da autossuficiência do embaixador João Dantas, ele mexeu nas estruturas do *Diário de Notícias*. Essas estruturas eram, até então, representadas notadamente por esses articulistas do melhor

prestígio, como Joel Silveira, Rubem Braga, Rafael Correia de Oliveira e outros, e por um noticiário compacto do Exército e das Forças Armadas em geral e do ensino, da rede educacional. Então, a pergunta que eu coloco objetivamente diante de você é se essa nova apresentação gráfica, editorial e redacional do *Jornal do Brasil* afetou a própria estrutura orgânica do jornalismo de então, que era representado, entre outros, pelo *Diário de Notícias*. Se teve que reformular o trabalho interno do *Diário de Notícias*.

V.N. – Ah, sem dúvida, modificou. Modificou inteiramente. Havia... Um dos motivos principais era a questão do salário que o *Jornal do Brasil* pagava e que o *Diário de Notícias* estava muito aquém. Eu me lembro muito bem que havia uma moça que escrevia sobre modas... Não me recordo o nome.

Entrevistador 2 – Gilda Chataigner.

V.N. – Gilda Chataigner, exatamente. Ela estava no *Diário de Notícias*, tinha uma excelente posição lá, do ponto de vista de força, prestígio e leitores, e recebeu um convite do *Jornal do Brasil* e me consultou, e eu não hesitei em aconselhá-la que fosse, porque lá no *Jornal do Brasil* ela teria muito melhor futuro. E acertei nisso.

Entrevistador 1 – Você acha então que o aparente declínio do *Diário de Notícias* se iniciou com a reforma do *Jornal do Brasil*?

V.N. – Não.

Entrevistador 1 – Não?

V.N. – Não. O declínio do *Diário de Notícias*, que não era aparente, era visível...

Entrevistador 1 – Era visível?

V.N. – ...era visível, começou com o falecimento do velho Orlando Dantas. Começou e acentuou-se. Começou com a doença dele e acentuou-se com o seu falecimento.

Entrevistador 1 – Por que isso? Qual era a diferença entre o *Diário de Notícias* do Orlando Dantas e o *Diário de Notícias* dos sucessores do Orlando Dantas?

V.N. – É porque o Orlando Dantas tinha melhor tino administrativo: administrava muito melhor, sabia mais o que queria, e era, além do mais, um homem econômico, um homem ponderado nas suas ações. Já os sucessores não. Os sucessores achavam que podiam avançar demais e não consolidavam nem as posições conquistadas.

Eu me lembro que certa vez o velho Cândido de Campos, já velho, sentindo que, naturalmente, não iria viver muito, me pediu para ser intermediário da venda d’A *Notícia* ao Orlando Dantas. Não fazia grande exigência, vendia barato, e a única coisa que ele exigia era que ele, Cândido de Campos, continuasse como diretor. Eu levei a proposta para o Orlando Dantas – nesse tempo, ainda o *Diário de Notícias* estava na rua da Constituição e A *Notícia* rodava lá na oficina do *Diário de Notícias* – e o Orlando Dantas me respondeu assim: “É muito barato, é muito vantajoso, seria um excelente negócio, mas eu só cuido do *Diário de Notícias*. Eu tenho que me dedicar só e inteiramente ao *Diário de Notícias*. Responde isso ao Cândido de Campos para mim”. E eu respondi.

Entrevistador 2 – Como era o *Diário de Notícias* na época, do ponto de vista de veículo ? A primeira página era o noticiário local, nacional e internacional?

V.N. – Bom, a manchete, ordinariamente, era internacional. Primeiro era toda a página internacional, dez anos. Depois, houve uma reformulação e mantinha somente a manchete como matéria internacional, mais uns dois ou três títulos internacionais e as matérias mais importantes, em resumo, em resumo ou somente o título, com chamada para dentro. Mas, já naquela época, depois de 1958 ou 1960, já se admitiam as técnicas mais modernas.

Entrevistador 2 – Do ponto de vista do texto, o *Diário de Notícias* usava a técnica de *lead* e *sublead*?

V.N. – Usava. Usava o *lead* e o *sublead*, e depois vinha a matéria.

Entrevistador 2 – Quem trabalhava lá?

V.N. – Depois, o *lead* contadinho, calculado. Naquela época...

Entrevistador 2 – Os redatores, repórteres, fotógrafos...

V.N. – Como fotógrafos, tínhamos... Ai, meu Deus, como eu estou esquecido! Tinha o Armando Carmo, fotógrafo velho, português; tinha...

Entrevistador 1 – Fotógrafo, eu não me lembro.

V.N. – **Duquinho** era da diagramação, não é?

Entrevistador 1 – Era **Duquinho**, era Nélio Horta, David Fisher e o... Tinha um outro rapaz.

V.N. – Aquele que fazia desenho, fazia aquelas caricaturas bonitas, que agora trabalha na Light. Como é o nome dele? Lembra dele?

Entrevistador 1 – Você fala ilustrador?

V.N. – É. Ele fazia diagramação também e fazia aqueles desenhos bonitos de jogador de futebol, aquela cabeça bonita.

Entrevistador 1 – Não era o Heitor, não?

V.N. – Heitor. Heitor, também. Ele trabalhava na Light também. Ainda trabalha, não é?

Entrevistador 1 – Redatores tinha, nessa época...

V.N. – Tinha o Tobias Pinheiro...

Entrevistador 1 – Tobias Pinheiro, poeta piauiense.

V.N. – Era maranhense.

Entrevistador 1 – O jornalista Ivan Alves.

V.N. – É. Ivan Alves, Hélio Rocha...

Entrevistador 1 – Hélio Pólvora.

V.N. – Hélio Pólvora...

Entrevistador 1 – Carlinhos Oliveira, o José Carlos Oliveira.

V.N. – José Carlos Oliveira...

Entrevistador 1 – Cláudio Bueno da Rocha.

V.N. – Cláudio Bueno da Rocha... Mas esses que eu estou dizendo, eles passaram lá rapidamente. Alguns, até meteoricamente.

Entrevistador 1 – O Nilson Viana.

V.N. – O Nilson Viana também foi. O chefe da redação era o nosso querido Prudente de Moraes Neto; o Raul Lima fazia editoriais...

Entrevistador 1 – O Oliveira Bastos também, não é?

V.N. – O Oliveira Bastos também fazia editoriais.

Entrevistador 1 – O Fernando Segismundo.

V.N. – O Fernando Segismundo não. O Fernando Segismundo fazia... Ele fazia uns comentários sobre ensino, umas coisas....

Entrevistador 1 – E o Alceu Marinho Rego?

V.N. – Não, o Alceu Marinho Rego esteve muito antes. Ele morreu antes do Getúlio, não foi?

Entrevistador 1 – Morreu antes de Getúlio.

V.N. – Foi. O Alceu foi na campanha da UDN, de lançamento da UDN, naquela fase. Quem era mais? Tinha também o...

Entrevistador 1 – O Villas-Bôas Corrêa...

V.N. – Villas-Bôas Corrêa, Heráclito Salles...

Entrevistador 1 – Odylo.

V.N. – Odylo Costa Filho. Então, o Odylo, havia uma coisa interessante. O Odylo fazia o comentário político. Era a seção política. O velho Dantas ficava esperando o Odylo, porque era o último alto funcionário do alto escalão com quem o velho despachava. Eu ficava lá...

Entrevistador 2 – O senhor era secretário?

V.N. – Era. Eu despachava com o velho e o velho tirava o relógio e ficava olhando, assim... “O Odylo ainda não chegou. O Odylo ainda não chegou”. Quando o Odylo chegava, o velho estava com determinado assunto político para discutir com o Odylo para o Odylo fazer o comentário. Mas ele não sabia que o Odylo já vinha com o comentário no bolso, feito. O Odylo escrevia... Ele tinha aquela vivência jornalística enorme e era muito afiado na percepção das coisas, de modo que ele escolhia o assunto, batia o comentário em casa ou no IAPC, onde ele era procurador, e vinha com ele no bolso, escondido. Então, quando ele chegava, começava a conversar com o velho Dantas. Aí, o velho conversava sobre o assunto

que ele, Dantas, tinha. Ele falava, falava e o Odylo também falava, falava. O Odylo me dava um sinal, quando focalizava um determinado assunto, e eu reforçava o Odylo. Reforçava. Então, o Dantas começava a falar e o Odylo começava a conduzir o Dantas para aquele assunto...

Entrevistador 2 – O que ele tinha levado.

V.N. – ...que ele tinha feito o artigo, que já estava no bolso. Então, depois daquilo, o Dantas dizia...

Entrevistador 2 – “Então, escreve.”

V.N. – “Então, é isso mesmo, o assunto é esse. O comentário de hoje vai ser este assunto. Você comenta sobre isso”. Muito bem. Aí, o Odylo subia para a redação e ficava conversando comigo e olhando para a porta do Dantas. Quando o Dantas saía, ele chamava o contínuo: “Vê lá quando é que o sr. Dantas toma o carro”. Aí, o contínuo vinha: “Dr. Odylo, o sr. Dantas já tomou o carro e foi embora”. O Odylo me dava o artigo e ia embora para casa. Mais tarde, o Dantas me telefonava e perguntava: “O Odylo escreveu sobre aquele assunto?”. “Escreveu sim.” Não. “O Odylo ainda está aí?” Eu dizia: “Ele foi ali no café”. “Ele escreveu sobre aquele assunto?” “Ele está acabando.” [risos] “Ah, está bom.” Era assim. Quase todo dia acontecia a mesma coisa.

Entrevistador 2 – Qual era a posição do *Diário de Notícias*, na época, em relação aos problemas de questões nacionais, principalmente diante do governo e diante das questões que se discutiam, o petróleo, a reforma agrária...?

V.N. – Ah, o *Diário de Notícias* era da campanha “O petróleo é nosso”. Ele defendeu a campanha “O petróleo é nosso”, tanto assim que não aceitava anúncio da Standard Oil. Até, certa vez, o presidente internacional da Standard Oil de New Jersey esteve lá, acolitado pelo presidente da Esso Brasileira de Petróleo, à guisa de fazer uma visita de cortesia ao diretor do *Diário de Notícias*, mas o Dantas disse que ele não oferecia anúncio.

Agora, politicamente, acompanhava o brigadeiro Eduardo Gomes, aquela linha da UDN – hoje, mais ou menos a linha da Arena – e se confundindo também com a linha do PSD. O que mais você perguntou?

Entrevistador 2 – E sobre outros problemas nacionais, por exemplo, reforma agrária?

V.N. – Ah, defendia a reforma agrária e fazia campanha pelo barateamento de preços.

Entrevistador 2 – O capital estrangeiro, de um modo geral, era...?

V.N. – O capital estrangeiro, ele achava que nem sempre ele era bem-vindo, só em certos casos, em casos especiais.

Entrevistador 2 – E a posição dele em relação ao governo e ao presidente da época, que era o Juscelino?

V.N. – Ele fazia oposição. Fazia oposição ao governo, mas era uma oposição construtiva, bem feita, honesta, não é Ivan? E com o Dutra, ele também fez oposição. O Dutra resolveu lançar o Sesi – naquela ocasião, era o Sesi, o Sesc, o Senai e o Senac – e ele começou a combater e o Dutra mandou convidá-lo. O chefe da Casa Militar do Dutra era um conterrâneo e amigo do Dantas. Era um general conterrâneo dele. Ele convidou o Dantas e o Dantas foi lá. O Dantas voltou todo satisfeito, todo entusiasmado com o Dutra. Mas depois caiu num desânimo tremendo, porque o que o Dutra disse que ia fazer, fez exatamente ao contrário: criou o Sesi com todo aqueles defeitos que o *Diário de Notícias* apontava.

Entrevistador 1 – E o *Diário de Notícias* combateu também o Estatuto do Petróleo, do governo Dutra, aquela tentativa de composição com as multinacionais do petróleo para a exploração do petróleo brasileiro.

V.N. – É, combateu. E tinha, na ocasião, dois colaboradores que foram braço forte com isso: Rafael Correia de Oliveira e Osório Borba. Eles é que aguentaram mesmo essa campanha.

Outra campanha que nós fizemos também, muito bem feita e que teve grande repercussão nacional e até internacional, foi contra a criação do Instituto da Hiléia Amazônica.

Entrevistador 2 – Isso em que ano?

Entrevistador 1 – No governo Dutra.

V.N. – Foi no governo Dutra. Quase que sai. Só não saiu porque, no mandato seguinte, já com Getúlio, o Getúlio fez com que o Benedito Valadares convocasse o Artur Bernardes. Porque o Artur Bernardes, era um homem muito matreiro, ele tinha um prestígio extraordinário, um nome limpo, um caráter excepcional. O Artur Bernardes concorreu às eleições para deputado federal e ficou em terceiro lugar. Ele era o terceiro suplente. E Getúlio queria um homem da força moral do Artur Bernardes para combater esse Instituto da Hiléia Amazônica e [apoiar??] a criação da Petrobras, a consolidação. Então, ele fez com que o Benedito... Era o Benedito ou era o Juscelino? Era o Benedito, não é?

Entrevistador 1 – O governador? Era o Juscelino.

V.N. – [Getulio] fez com que o Juscelino nomeasse três deputados secretários de estado, para ser convocado o Bernardes. O Bernardes veio para a Câmara e foi uma razia: liquidou o assunto.

Entrevistador 1 – O Instituto da Hiléia Amazônica era uma internacionalização da Amazônia.

V.N. – Era a internacionalização da Amazônia. Então, dava direito a que fosse estabelecido um regime de segurança com forças internacionais, que, no caso, seriam americanas. Então, se essas forças viessem, já sabe, não é? Entravam e, depois, para sair, olha lá!

Entrevistador 1 – Eu lembraria outra grande campanha do *Diário de Notícias*, que mostra o caráter nacionalista do jornal, porque ele teve um caráter nacionalista...

V.N. – Qual foi?

Entrevistador 1 – Foi a denúncia dos Acordos de Roboré, no governo Juscelino Kubitschek, que deu na demissão do Janari Nunes da Petrobras.

V.N. – Foi.

Entrevistador 1 – Campanha conduzida muito pelo Moniz Bandeira. Lembra-se dele?

V.N. – É.

Entrevistador 1 – Ele trabalhou muito nisso.

Entrevistador 2 – Agora, nessas posições, o *Diário de Notícias* tinha uma posição isolada e singular em relação aos demais **órgãos** relacionados à grande imprensa, não é? Em todas essas questões, os outros jornais, me parece que apoiavam a...

V.N. – Ou apoiavam ou se acomodavam, não é?

Entrevistador 2 – Exatamente.

V.N. – Ou apoiavam ou se acomodavam. Havia jornais que, diziam as más línguas na ocasião, que vendiam até editoriais. Nós víamos um editorial defendendo a participação estrangeira na composição do capital da Petrobras, então, dizia-se: “Esse aqui foi feito de encomenda”.

Entrevistador 2 – Mas mesmo udenistas como o *Correio da Manhã* tinham uma posição, em relação a essas questões de petróleo, uma posição que hoje nós chamamos de entreguista, não é?

V.N. – Ah, era. Era entreguista. Quase todo mundo era entreguista, na ocasião.

Entrevistador 1 – Os Associados todos...

V.N. – Os Associados...

Entrevistador 1 – ...*O Globo*.

V.N. – Às vezes, os outros brigavam entre si, cada qual querendo ser mais entreguista que o outro.

Entrevistador 2 – E o *Diário de Notícias* era o único que mantinha uma posição nacionalista.

V.N. – É. Era um bem extraordinário.

Entrevistador 1 – Agora, Vanderlino, o jornal também teve, em 1945, uma vinculação profunda com aquela Esquerda Democrática.

V.N. – Teve porque tinha o Hermes Lima e o Hermes... Não, o Hermes Lima não foi da Esquerda Democrática.

Entrevistador 1 – Não?

V.N. – Não. O Hermes Lima sempre foi da UDN. Era o Osório Borba, era Alceu Marinho Rego, era Raimundo Magalhães Júnior, era...

Entrevistador 1 – Mário Martins? Ele não trabalhava lá?

V.N. – Mário Martins... Não, Mário, me parece que tinha o jornal dele, não é?

Entrevistador 1 – O *Resistência*.

V.N. – É, tinha o *Resistência*. Ele dava um certo apoio.

Entrevistador 1 – É interessante essa posição do *Diário de Notícias*. É uma posição singular. Porque, de certa maneira, se opunha a forças historicamente identificadas com o processo de avanço social. Porque, inegavelmente, na ditadura de Getúlio, no governo de Getúlio, tiveram alguma importância no plano social. Mas no aspecto econômico, da soberania econômica do país, ele nunca transigiu.

V.N. – É.

Entrevistador 2 – Agora, a despeito disso, o *Diário de Notícias* tinha muitos assuntos tabus, que ele não dava, ou que dava na versão...

V.N. – Não só assuntos tabus como fórmulas tabus e nomes tabus. Por exemplo, lá nós não usávamos...

[FINAL DO ARQUIVO 1016_VANDERLINO_NUNES_01a]

V.N. – ...e nomes tabus. Por exemplo, lá nós não usávamos a expressão presidente da República; era chefe do governo, sempre em minúsculas. Outra coisa que o jornal se insurgia, e se insurgia mesmo contra os formulários ortográficos: os cargos de general, embaixador, diretor, que se usava com maiúscula, lá, obrigatoriamente, se usava minúscula, que era para quebrar um pouco a importância do elemento citado.

Entrevistador 1 – E os assuntos tabus?

V.N. – Assuntos tabus, deixa ver se eu me lembro agora.

Entrevistador 1 – Tem uma história do primeiro avião russo, do primeiro navio ou avião russo que chegou ao Brasil. Como é essa história?

V.N. – Ah! Não, isso foi já depois da morte do velho. Eu me recordo que... Isso foi por volta de 1962 ou 1963. Chegou aqui ao Galeão, pela primeira vez, um avião Tupolev russo, um avião grande, bonito e tal, e todo mundo mandou fotografar, todo mundo mandou fazer

cobertura daquilo, da chegada do avião. Era o fato de ser um avião russo e ser um avião que, me parece, nunca tinha vindo aqui. Então, o chefe da redação do *Diário de Notícias*, seguindo orientação, naturalmente, da direção, ele me recomendou que aquele assunto não podia sair, não. Eu tinha marcado a primeira página, mas ele disse que não, que não podia de maneira nenhuma porque era russo.

Entrevistador 1 – E é publicável o nome desse chefe de redação?

V.N. – É. Era o Ascendino Leite¹.

Entrevistador 1 – Ascendino Leite, que foi depois diretor da censura, sob o Lacerda, no governo Lacerda.

V.N. – Na ocasião, ele já estava conseguindo a nomeação para a censura. Houve até um movimento lá na redação do *Diário de Notícias* contra ele, mas...

Entrevistador 1 – Eu lhe faço uma pergunta, Vanderlino Nunes: sob a direção do Orlando Dantas, o Ascendino Leite usaria – me perdoe se eu estou sendo indelicado na formulação – o cargo dele, o prestígio do cargo dele para obter um emprego dessa índole na administração estadual?

V.N. – Não. De maneira nenhuma. Eu vou lhe contar até... Eu vou lhe contar um episódio interessante. Em 1941 ou 1942, houve aquela Conferência dos Chanceleres do Continente Americano para decidir sobre a participação na guerra, para tomar posição sobre a guerra – então, o chanceler brasileiro era Osvaldo Aranha – e os jornais deram muito boa cobertura àquilo. Naquele tempo, eu representava o *Diário de Notícias*, e [inaudível], parece que estava sempre lá. E tinha outros também: tinha o José Jobim, que era do *Diário Carioca*; tinha o Barreto Leite Filho, que era d’*O Jornal*; tinha o Jaime de Barros, que era do *Diário da Noite*; tinha o Mário Gibson Barboza, que era do *Jornal do Commercio*...

Entrevistador 1 – O Mário Gibson Barboza era...?

¹ Ascendino Leite foi chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas – SCDP

V.N. – Era do *Jornal do Commercio*. Tinha aquele filho daquele velho escritor lá do Méier... Como é o nome dele?

Entrevistador 2 – Donatelo Grieco?

V.N. – O Donatelo Grieco, que era d’A *Noite*... Era uma turma grande. Então, todos nós estávamos sempre ali, todo dia, cobrindo aquilo. Quando terminou aquilo... A conferência foi um êxito.

Entrevistador 1 – Teve um grande [inaudível] até do comércio.

V.N. – É. Foi uma coisa formidável. Então, no fim, o Aranha chamou o Renato Almeida, que era diretor de Documentação do Itamaraty na ocasião, e disse: “Renato, nós temos que agradecer a esses rapazes da imprensa, porque nos ajudaram muito. Toma nota do nome deles todos aí porque eu vou mandar para o presidente e sugerir a nomeação de todos eles no cargo inicial da carreira de diplomata”. E o Renato, então, chamou cada um... Emanuel **Stanford**, também.

Entrevistador 2 – [Inaudível].

V.N. – É. Então, o Renato Almeida organizou a lista de todo mundo direitinho, falou com um e com outro, e me falou também. Eu era novo ainda no *Diário de Notícias*, tinha dois anos ou três anos, quatro anos, cinco anos, então, achei que devia falar com o Dantas, e fui lá e falei com o sr. Dantas: “Olha, sr. Dantas, o Osvaldo Aranha vai nomear todo mundo que participou da conferência para o início da carreira de diplomata, e o meu nome está na lista e eu achei que devia consultar o senhor. Devo aceitar?”. E ele, com a maior sisudez, me disse assim: “Você não deve aceitar nada deste governo. O seu futuro está no *Diário de Notícias*. Não estou dizendo isso para você aceitar ou não. Se você quiser aceitar, é com você. Mas se você aceitar, não pode ficar aqui”. Então, eu pesei aquilo e, então, achei que o meu futuro estava no *Diário de Notícias* mesmo.

Trinta anos depois, me aposentei no *Diário de Notícias* como secretário da redação, a segunda pessoa do jornal, ganhando dois mil cento e trinta e um cruzeiros por mês. Os outros todos que foram nomeados, todos terminaram... Os que não estão aposentados ainda estão exercendo a função de embaixador. O único que não foi nomeado... Os três que não foram nomeados, dessa lista que eu falei, foram: eu; Barreto Leite, que depois teve umas complicações políticas e viajou para Montevidéu; e Emanuel **Stanford**, que era secretário do major Matos Pena, presidente da Light, e não queria sair do Rio, então, pediu para ser nomeado para uma função interna do Itamaraty, e foi nomeado, **o cargo dele**, como redator e de lá ele saiu para a Agência Nacional como redator, até hoje.

Entrevistador 1 – Quer dizer, um caso muito comum na história política brasileira: passou a acumular a Light e uma função pública.

V.N. – É. Mas então, houve um caso interessante. Havia um organismo novo criado por Getúlio para disciplinar o serviço público brasileiro: o Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp). Getúlio tinha criado o Dasp e tinha nomeado, como primeiro diretor-geral do Dasp, o Luís Simões Lopes, e o Simões Lopes era como um filho para o Getúlio e para o Osvaldo. O Getúlio e o Osvaldo eram muito amigos do velho pai dele, do deputado Simões Lopes. Bom, então, Getúlio resolveu prestigiar o Dasp e, quando chegou o expediente do Itamaraty no Catete com o nome de todo aquele pessoal para ser nomeado, Getúlio despachou no sentido de que fosse ouvido o Dasp. O Simões Lopes, naturalmente, mandou ouvir a Seção Jurídica do Dasp. O Departamento Jurídico, então, achou que era ilegal, que não podia, que tinha que ser à base de concurso e voltou para o presidente. O presidente mandou de volta, redespachou, com vistas ao senhor ministro das Relações Exteriores, e mandou para lá. O Aranha pegou esse processo, que dizem que ainda hoje está arquivado no Dasp, e despachou embaixo. Quando ele leu o contra do Simões Lopes e leu o despacho do Getúlio mandando vir ao ministro do Exterior, Getúlio despachou assim...

Entrevistador 2 – O Getúlio ou o Aranha?

V.N. – O Aranha. O Aranha despachou assim: “Vai à merda, Luís! Osvaldo”. [risos] Então, o processo voltou para o Dasp. E aí, no dia do despacho, o Simões Lopes levou o processo para

o Catete e chegou no Catete e se queixou: “Dr. Getúlio, olha aqui o que o dr. Osvaldo fez, o despacho que ele fez. Não é possível! Assim não se pode trabalhar!”. Aí o Getúlio, com aquele jeitão dele, puxando o charutinho, disse: “Luís, deixa aí que eu vou falar com o Osvaldo. Deixa que eu vou falar com o Osvaldo. Pode ir embora”. Quando o Luís deu as costas, ele mandou fechar a porta e mandou o oficial-de-gabinete ligar para o Osvaldo e sair da sala e ficou sozinho na sala dando as maiores gargalhadas, conversando com o Osvaldo. “Osvaldo, eu estou aqui morrendo de me rir com o teu despacho. O Luís saiu daqui, coitado, arrasado. Olha, diz aí para os teus rapazes que eles já estão todos nomeados”. E, assim, foram todos nomeados. [riso]

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

Entrevistador 2 – ...e dizendo inclusive quem eram os teus contemporâneos na época e quem dirigia o jornal.

V.N. – No *Diário da Noite*, eu trabalhei de 1936 até 1945, mais ou menos. Mais ou menos nessa época. O diretor era o **Thales Virgínio**. Era um vespertino dos Diários Associados. Era feito em papel verde, lembra? Era em papel verde. Vendia pela manchete, pela manchete que o Carlos Eiras fazia. O Eiras farejava o assunto e, do assunto, retirava a manchete. O papa estava doente, e nesse dia não havia nenhum assunto, o único assunto que havia era a doença do papa. Então, o Eiras rabiscou uma manchete e jogou fora o papel, rabiscou de novo e jogou fora, rabiscou e jogou fora, rabiscou e mandou para a oficina e saiu o jornal: “Tremeu a noite toda a perna do papa”. [risos] Vendeu jornal como o diabo.

Entrevistador 2 – Não é também dele a manchete “O pé do papa está podre”?

Entrevistador 1 – Não, aí já é folclore.

V.N. – Isso é folclore. Como é folclore também a manchete “Cuba à beira do abismo”. [riso] Mas em agência, eu trabalhei na United; na Reuters, com o meu amigo Lacombe... Lembra do Lacombe?

Entrevistador 1 – Lembro.

V.N. – O Lacombe, onde está agora? ...

Entrevistador 1 – [**Inaudível**]?

V.N. – Não, não é aquele, não.

Entrevistador 1 – Ah, não é esse Lacombe?

V.N. – Não. É o Lacombe francês. E daqui ele foi...

Entrevistador 1 – Ah! O Lacombe!

V.N. – Arnaldo Lacombe. Daqui, ele foi dirigir a **Vas**, em Lisboa, e de lá, parece que voltou para Paris. Trabalhei na Asa Press, também. Na Asa Press, eu trabalhava como informante: mandava notícia que eu tinha feito, mandava para eles

Entrevistador 1 – N'A *Notícia*.

V.N. – Trabalhei n'A *Notícia*. Trabalhei lá com o velho Cândido de Campos e aprendi muito com ele.

Entrevistador 1 – Em que período?

V.N. – N'A *Notícia*, deve ter sido entre 1940 e 1950. Deve ter sido nessa época. Não, em 1940, eu acho que *A Notícia* não tinha saído ainda, não é?

Entrevistador 1 – Quem?

V.N. – *A Notícia*, no seu reaparecimento.

Entrevistador 1 – **Foi antes de** 1940.

V.N. – Então foi nessa época, entre 1940 e 1950. Tinha até... Um dos meus colegas de redação era o velho Mauro de Almeida.

Entrevistador 1 – O “Peru dos Pés Frios”.

V.N. – É. Você conheceu o Mauro? O Mauro é o autor da letra do primeiro samba brasileiro, o *Pelo telefone*. E o Mauro era um velho repórter muito inteligente, muito hábil e ele é autor daquela famosa reportagem, “O mineiro que comprou o bonde”. Essa reportagem saiu n’*O Imparcial* e quem era o secretário do jornal na ocasião era o Osório Borba. O Osório que paginou essa reportagem, “O mineiro que comprou o bonde”, que rendeu semanas aí. [risos]

Entrevistador 2 – E ele que vendeu o bonde ao mineiro?

V.N. – Não. Ele contou na reportagem que um mineiro comprou um bonde a um carioca. Mas tudo celebração, não é? Mas o Mauro, coitado, estava velhinho. Nós éramos vizinhos de mesa e o Mauro, quando ia espirrar, o **meu irmão**, que estava também lá, virava-se para mim e dizia: “Vanderlino, o Mauro vai espirrar. Olha para a gaveta”. Eu não sabia o que era. Mas depois eu olhei. Quando ele ia espirrar, ele puxava a gaveta e, quando ele espirrava, a dentadura caía na gaveta. [risos] Então, discretamente, ele olhava para um lado, olhava para o outro, tirava a dentadura e repunha.

Entrevistador 2 – Você trabalhou também no *Meio-Dia*.

V.N. – No *Meio-Dia*, eu trabalhei desde a fundação. O *Meio-Dia* apareceu aí...

Entrevistador 2 – Era vespertino?

V.N. – Era vespertino. Era ali na rua da Constituição, número 24, me parece, ou 42, do outro lado, no lado par. O *Diário de Notícias* era no número 11 e o *Meio-Dia* era do outro lado. Então, o Joaquim Inojosa, advogado pernambucano, intelectual, resolveu fundar o jornal.

Fundou e convocou uma porção de profissionais. O que havia de melhor na ocasião, ele chamou – dava um salário mais ou menos compensador e levou para lá. O diagramador era o Guevara. Então, o *Meio-Dia* foi se fazendo. Fomos fazendo o *Meio-Dia*. Mas quando foi chegando a guerra, o *Meio-Dia* foi virando e tornou-se um porta-voz do nazismo aqui, e isso foi o bastante para ele perder toda a substância, e foi definhando, definhando, até que o equipamento foi adquirido por outra empresa, que, me parece, era daquele que era presidente do Banco do Brasil, aquele turco...

Entrevistador 1 – Ricardo Jafet.

V.N. – É, o grupo do Ricardo Jafet adquiriu as instalações do *Meio-Dia* e fundou a *Folha Carioca*.

Entrevistador 1 – O Hamilton Silva trabalhava no *Meio-Dia*?

V.N. – O Hamilton? Trabalhava. E continuou na *Última Hora*.

Entrevistador 1 – Na *Folha Carioca*.

V.N. – Na *Folha Carioca*.

Entrevistador 1 – O Prudente de Moraes Neto trabalhou na *Folha* nessa época?

V.N. – Não, não foi na minha época, não. O Nestor de Holanda trabalhou lá, também, um companheiro bom. Morreu tão moço, não é? Ah, teve também *A Tarde*, um jornalzinho vespertino que foi fundado na época da guerra, mais ou menos, na chamada época de redemocratização do país, em 1945, naquela fase.

Entrevistador 2 – Quem que participava?

V.N. – Era **Elton Faria** e Xavier de Araújo, os fundadores. E eu fui para lá também, como repórter marítimo, e o repórter de foro, nesse jornalzinho, se chamava Chagas Freitas. Era o

Chagas que dava as notícias do foro. Ele, de tardezinha, trazia o noticiariozinho e dava lá. E o Santa Cruz Lima era o secretário.

Entrevistador 1 – O velho Santa Cruz.

V.N. – O velho Santa Cruz. Barulhento, brigão, não é?

Entrevistador 1 – É. A cabeleira esvoaçante.

V.N. – É. Alcancei ainda – foi um dos secretários mais antigos que já eu tive, e poucos ainda podem dizer que trabalharam com ele – o velho Vitorino de Oliveira. O Vitorino era um homem que tomava nota num caderninho de tudo que baixava e tinha toda a edição na cabeça. Era como um maestro de alta qualidade, que tem a partitura de cor. De modo que ele já sabia. Ele mandava tudo aquilo e depois tomava nota, assim, uns rabiscozinhos em um caderninho.

Entrevistador 2 – Em que jornal que ele trabalhava?

V.N. – O jornal no qual ele estava quando eu trabalhei foi *A Notícia*. Quando alguém vinha se queixar que estava doente e precisava descansar um bocadinho, ele dizia assim: “Vamos deixar de fantasia!”. [risos]

Entrevistador 1 – Você trabalhou com o José Maria Pereira, também um secretário nesse estilo, da velha guarda?

V.N. – Não, o José Maria, eu o conheci na época da Agência Nacional.

Entrevistador 1 – Também era duro, não era?

V.N. – É. Mas o Vitorino dizia assim: “Vamos deixar de fantasia!”. [risos] E depois... Qual foi o outro jornal?

Entrevistador 2 – Naquelas revistas, você não trabalhou, *Mundo Ilustrado*, *Noite Ilustrada*...?

V.N. – Não, não. Somente colaboração. *O Cruzeiro*, por exemplo, quando eu estava no *Diário da Noite*, eu trabalhava muito com colaboração para *O Cruzeiro*. E no *Mundo*, também. No *Mundo*, eu mandei algumas colaborações. E onde foi mais? Bom, eu trabalhei... Fui radialista. Trabalhei na Rádio Nacional. Na Rádio Nacional, trabalhei de...

Entrevistador 2 – No Departamento de Jornalismo?

V.N. – No Departamento de Publicidade. O meu cargo lá era assim, como escreveram na carteira profissional: redator de publicidade e artístico. [risos] Redator de publicidade e artístico.

Entrevistador 1 – Você redigia esquetes, programas?

V.N. – É, eu redigia essas coisinhas e anúncio e tudo mais. Então, eu fui para uma vaga... Porque eu trabalhava na Panair do Brasil, na Seção de Publicidade. Então, eu completei nove anos de serviço e os americanos não me deram mais aumento e eu reclamei, porque saiu um aumento geral e eu não recebi. Depois eu notei que todo mundo que estava com nove anos de serviço não tinha recebido. Eu fui saber por que e o meu chefe então me disse: “Não, é porque tem essa lei aqui no Brasil, a lei de...”.

Entrevistador 1 – A lei de estabilidade.

V.N. – “...a lei de estabilidade e os americanos não podem lutar contra ela, então, fazem assim, não dão mais aumento e o camarada, se quiser, continua, mas sem nenhuma possibilidade...”.

Entrevistador 1 – Para forçar a saída.

V.N. – “Ou então sai”. Eu disse: “Ah, é para isso? Então, diz a ele que comigo deu certo. Manda fazer a conta lá, ver quanto é que eu tenho para receber”. Então, fizeram as contas

direitinho de quanto é que eu tinha para receber e me deram o dinheiro e uma carta bonita. Com essa carta, eu saí para ver se arranjava trabalho, e procurei aqui e acolá e, então, o Sangirardi Júnior me arranjou um lugar de redator numa agência de publicidade. Então, me disse assim... Era num fim de semana. “Na segunda-feira, você vai lá, vai lá para assumir”. Eu disse: “Está bom”. Então, antes de terminar a semana, ele foi lá no *Diário de Notícias* e me disse: “Olha, não vai lá mais não porque não vai ser para você essa vaga. Tem um outro que está precisando mais do que você. Você ainda tem o *Diário de Notícias*, e tem um que foi demitido por perseguição do cargo que ele tinha na rádio dele e nós vamos dar esse lugar a ele”. Eu digo: “Quem é?”. “É o Dias Gomes.” Eu digo: “Está bom. Está ótimo”. O Dias Gomes só veio a saber disso só uns oito anos depois, quando ele foi ao *Diário de Notícias* comunicar ao secretário do *Diário de Notícias* que o filme dele *O pagador de promessas* tinha ganhado a Palma de Ouro e, então, eu aproveitei e contei o episódio a ele. [riso]

Bom, então, **um amigo** me disse: “Olha, tem uma vaga de redator na Agência Nacional”. Eu digo: “Está bom. Eu vou lá, eu vou ver”. Cheguei lá, a vaga tinha sido aberta pelo Alziro Zarur. O Zarur era redator, era chefe da redação de publicidade e tinha deixado, e um outro colega lá, chamado Assis Boechat, um rapaz paulista, ele ascendeu, deu-se uma vaga e eu fui nomeado, e fiquei lá durante uma porção de anos. Então, aquilo começou a degradingolar e o Juscelino assinou uma lei dando direito de opção a todo funcionário da Rádio Nacional, d’A Noite, as Empresas Incorporadas, a se integrar no serviço público. Era uma lei muito liberal: nós íamos para onde nós quiséssemos. Eu me arrependi de não ter ido para o Ministério da Fazenda, porque me chamaram para lá. Fui para o Ministério da Agricultura, porque tinha um amigo meu, muito meu camarada, o José Vieira, e o Vieira me disse assim: “Vai para lá porque lá é bom”, e eu fui. Eu fui e não me arrependi. Fiquei lá e, depois, veio uma lei de reclassificação funcional, então, eu fiquei como redator mesmo, com uma situação melhor, e depois me aposentei com um cargo mais bonito que o Dasp inventou agora que se chama técnico em comunicação social. [risos]

Entrevistador 1 – Agora, Maurício, o impressionante é como o secretário de um jornal da importância do *Diário de Notícias* tinha que acoplar ao orçamento dele... Pagavam mal.

V.N. – Pagavam mal.

Entrevistador 2 – A propósito disso, você é contemporâneo da fundação ou é um dos fundadores do Sindicato dos Jornalistas do Rio, não é? Eu gostaria que você falasse sobre isso, sobre a fundação do sindicato, essa época.

V.N. – Bom, eu pertenco ao sindicato desde janeiro de 1938. A minha matrícula é 70. A da ABI também é muito baixa. A da ABI é 700 e pouco. Mas eu sou mais antigo na ABI do que no sindicato. Quando eu entrei na ABI, ela funcionava na Cinelândia, ali naquele edifício onde havia embaixo uma confeitaria.

Entrevistador 1 – A Americana? A Brasileira?

Entrevistador 2 – Não. A Brasileira era na...

Entrevistador 1 – Era na Cinelândia.

[FINAL DO ARQUIVO 1016_VANDERLINO_NUNES_01b]

Entrevistador 1 – Era na Cinelândia.

V.N. – Era A Brasileira.

Entrevistador 2 – Eu pensei que era na rua do Passeio. Porque [a ABI] esteve também na rua do Passeio.

V.N. – Agora é um banco.

Entrevistador 1 – Ah, então era A Brasileira mesmo.

V.N. – Agora é um banco. Eu me lembro que quando eu ingressei na ABI, a mensalidade, se não me engano, era mil e quinhentos réis.

Entrevistador 1 – Quem era o presidente na época? Já era o Moses² ?

V.N. – O presidente era o Moses. Então, eu conheci o Moses como presidente até ele morrer. Eu pertenci ao conselho da ABI duas ou três vezes. No sindicato, nunca disputei cargo na diretoria.

Entrevistador 2 – Como foi a fundação do sindicato? Você acompanhou, participou?

V.N. – A fundação do sindicato, eu não me lembro bem como é que foi, não. Eu sei que eu fui daquele primeiro grupo de fundadores. Tinha um colega meu do *Diário de Notícias*, o Djalma Maciel... Lembra?

Entrevistador 1 – Lembro.

V.N. – Ele faleceu há uns dois ou três anos. Ele era redator da Agência Nacional. A última vez que eu o encontrei, ele estava esperando que saísse esse projeto do Dasp para se aposentar. Coitado, morreu antes. E o Maciel era da comissão de organização do sindicato e ele me convidou para me inscrever e eu me inscrevi no começo daquele grupo, juntamente com aquele grupo que iniciou o sindicato. Tanto assim que, pela minha inscrição, está se vendo que eu sou daquele grupinho mesmo. Se é 70, não é? Agora, depois o sindicato teve vários presidentes. Um deles era o Átila de Carvalho.

Entrevistador 1 – O radialista?

V.N. – Não, não. Era um redator do *Diário da Noite*, um velho, Átila de Carvalho. Contam até muita coisa do Átila, não é? E depois do Átila, teve também o André Carrazoni. Mas as eleições, no sindicato, não eram muito disputadas, não. Depois houve umas duas ou três eleições muito renhidas. Em uma delas, o candidato era Osório Borba, que não ganhou, perdeu para o André Carrazoni.

² O entrevistado refere-se a Herbert Moses

Entrevistador 1 – Isso sob o Estado Novo?

V.N. – É, já sob o Estado Novo. Houve uma época aí que o sindicato ficou com um presidente reeleito por vários mandatos.

Entrevistador 1 – O Luís Guimarães?

V.N. – Não. O Luís Guimarães foi ultimamente. Foi antes de Luís Guimarães. Foi antes do Carrazoni. Foi um do *Jornal do Brasil*, Pedro... Um amazonense, um paraense baixotinho, moreno, cara de índio. Meu Deus! Como era o nome dele? Ah, que memória! Era Pedro Timóteo, redator do *Jornal do Brasil*. Pedro Timóteo foi presidente do sindicato durante alguns mandatos. Depois do Pedro Timóteo, houve umas lutas internas e, então, depois o Luís Guimarães conseguiu eleger-se e foi se reelegendo, e parece que ele não foi feliz em sua administração, porque exatamente na administração dele que houve várias inconveniências, que deram motivo a que o sindicato tivesse que sofrer uma decadência, para depois se levantar de outra forma, não é?

A ABI tinha o Moses, que tinha sempre uma oposição. Quando não havia nenhuma oposição, tinha o Jocelyn, não é? Ele fazia oposição.

Entrevistador 2 – Ah, o Jocelyn Santos?

V.N. – É. O Jocelyn fazia oposição. [riso] E quando o Jocelyn não fazia oposição, o Cysneiros fazia, não é?

Entrevistador 1 – Amador Cysneiros?

V.N. – É, o Amador Cysneiros.

Entrevistador 1 – Ainda vive o Amador Cysneiros?

V.N. – Eu acho que já morreu. O Jocelyn vive ainda, não é?

Entrevistador 2 – Vive.

[FINAL DO DEPOIMENTO]